A palavra dos especialistas.

O uso incorreto do cinto pode reduzir e até anular sua eficácia.
Para se beneficiar ao máximo da proteção do cinto de segurança, siga estas recomendações dos especialistas:

- **Nunca deixe uma folga maior que de um punho (ou 5 cm) entre seu corpo e os cintos diagonal e de três pontos.**
  O cinto pode se tornar um ponto de impacto numa freada brusca ou batida, se estiver muito folgado, longe do corpo.

- **Não passe o cinto por debaixo do braço.**
  Os cintos do tipo diagonal e de três pontos devem ser passados sobre o ombro.

Pense nisto antes de virar a chave.

De um modo geral, o uso do cinto de segurança reduz à metade os riscos de morte e lesões graves em acidentes de trânsito. Somente nos bancos dianteiros, ele poderia salvar 12.000 vidas por ano se fosse usado habitualmente no Brasil.

Mantenha seu cinto seguro.

Verifique o estado de conservação do tecido, parafusos, etc., a cada ano. Troque os cintos se eles foram utilizados durante uma colisão violenta, mesmo que aparentemente estejam perfeitos.

Recado Final:

A partir do momento em que existe uma lei regulamentando o uso do cinto de segurança, a questão deixa de ser pessoal e passa a ser legal.
Mas este não é o ponto.
O ideal é que cada um compreenda os benefícios do cinto de segurança e passe a adotá-lo como uma opção consciente.
Não se trata de "engolir" o cinto mas sim de "digerir" a idéia. De transformar o que é visto como impositivo em algo positivo.
Simplesmente porque o cinto pode realmente salvar sua vida.
A partir de agora, é com você.

1·9·8·9
ANO BRASILEIRO DE SEGURANÇA NO TRÂNSITO

Títulos já publicados

Pergunte ao Shell Responde. Ele esclarecerá suas dúvidas de como obter melhor rendimento de você e de seu carro, em diferentes situações.

Escreva para a Caixa Postal nº 62053
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22250

IMPRESSO EM BLOCH EDITORES S.A.

Shell responde

22

Cinto de Segurança

Usar ou não. Eis a questão.

**O cinto de segurança é uma das maiores vítimas de preconceitos no trânsito.
Durante os anos em que permaneceu pendurado, o cinto acumulou uma poeira difícil de ser removida, uma nuvem de falsas verdades, controvérsias e desconhecimento sobre o assunto.
Com a volta da obrigatoriedade nas estradas, o cinto sacudiu a poeira mas ainda não conseguiu dar a volta sobre os ombros da maioria dos motoristas e passageiros.**
Shell Responde número 22 reúne as dúvidas mais comuns sobre o cinto e esclarece alguns mitos que, injustamente, põem em questão sua segurança.

O que diz a lei sobre o uso do cinto de segurança?

A Resolução número 720, de 4 de outubro de 1988, do Conselho Nacional de Trânsito - CONTRAN - tornou obrigatório o uso do cinto de segurança nas estradas, a partir de 1º de janeiro de 1989, para todos os ocupantes dos veículos maiores de 7 anos de idade.
A mesma Resolução determina ainda em seu Artigo 1º, parágrafo 3º, que:
"As crianças na faixa etária de 7 a 12 anos deverão viajar somente nos bancos traseiros, quando o cinto de segurança instalado nos bancos dianteiros for do modelo diagonal."
Para as crianças menores de 7 anos, vale a Resolução número 611, de 1983, que recomenda o transporte delas somente nos bancos traseiros mas não estabelece obrigatoriedade do uso do cinto.

Qual a multa prevista para quem não usar o cinto nas estradas?

Os infratores estarão sujeitos a multa no valor de 50% do maior salário mínimo de referência.

Como transportar crianças menores de 7 anos com segurança?

A não-obrigatoriedade do cinto de segurança para crianças abaixo de 7 anos não significa que elas dispensem cuidados especiais no transporte.
Elas devem andar sempre no banco traseiro, afastadas das portas e localizadas atrás dos bancos dianteiros, que funcionam como uma proteção adicional.

Até os 4 anos de idade, é aconselhável o uso de cadeirinhas com cintos próprios, presas ao banco pelo cinto de segurança do automóvel. Os assentos infantis presos somente por ganchos ao encosto podem se desprender em impactos mais fortes.
Se a criança não foi acostumada desde cedo à cadeirinha, a adaptação se torna um pouco difícil. Mas vale a pena insistir.
Dos 4 aos 7 anos, já que ainda não existem no Brasil dispositivos especiais, a saída é usar o cinto de três pontos com almofadas, de modo que o cinto fique na altura do tronco da criança. Nunca passando perto da face ou do pescoço.

Em hipótese alguma, as crianças devem viajar no colo. Numa colisão, todo o peso do adulto vai sobre a criança e ela absorve o impacto como um amortecedor.

Como age o cinto de segurança numa colisão?

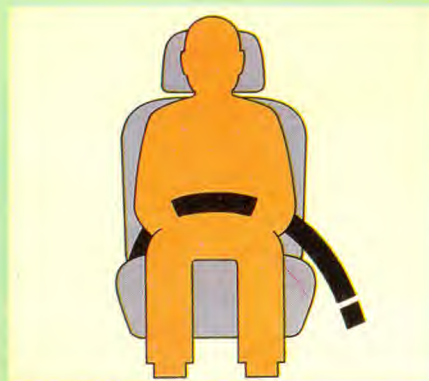
Num acidente de trânsito, ocorrem duas colisões sucessivas: a primeira, do veículo com o obstáculo;
a segunda, dos seus ocupantes com alguma parte do interior do automóvel (volante, pára-brisas, painel, etc.).
Numa redução brusca da velocidade do veículo, as pessoas continuam na velocidade em que vinham, por frações de segundo. Ocorre, então, a segunda colisão.

A função básica do cinto de segurança é evitar essa segunda colisão, mantendo o motorista e os passageiros seguros no banco.
Podemos resumir a ação do cinto de segurança da seguinte forma:

- Ele "pára" as pessoas logo que o veículo começa a parar também.
- Distribui o impacto pelos pontos mais fortes do corpo humano.
- Absorve ele próprio parte do impacto.
- Evita que pessoas sejam lançadas para fora do veículo.
- Impede que os ocupantes do veículo choquem-se entre si.
- Protege contra impactos com o interior do veículo, principalmente a cabeça e o rosto, que são as partes mais atingidas nas colisões.
- Diminui a possibilidade de perda da consciência num acidente.

Quais as diferenças entre o cinto subabdominal, o diagonal e o de três pontos?

1. Cinto Subabdominal

É o mais simples e foi o primeiro tipo a ser adotado nos veículos.
Consiste de uma faixa que passa horizontalmente sobre os quadris.

Desempenho:
Aumenta em 33% as possibilidades de sobrevivência em acidentes com risco de morte.

Vantagens:
Impede que a pessoa seja projetada para fora do veículo.

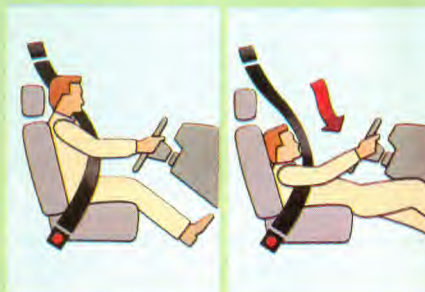
Inconvenientes:
- O impacto da colisão é absorvido por uma área pequena do corpo.
- Nos assentos dianteiros, não impede que a pessoa bata com a cabeça no volante ou no painel.
- Durante o choque, o corpo da pessoa dobra-se completamente e só depois volta à posição normal.

2. Cinto Diagonal

Atravessa diagonalmente o tronco da pessoa sobre dois pontos: um dos ombros e um dos lados do quadril.

Desempenho:
Aumenta em 44% as possibilidades de sobrevivência em acidentes com risco de morte.

Vantagens:
- Impede o choque da cabeça com o interior do veículo.
- Distribui melhor o impacto no corpo do que o cinto subabdominal.

Inconvenientes:
- Testes demonstram que existe a possibilidade de a pessoa escapar por baixo do cinto.
  Este é um dos motivos pelos quais o cinto diagonal é desaconselhado para crianças menores de 12 anos.

3. Cinto de Três Pontos

É chamado de "Três Pontos" porque fica preso ao veículo em três locais diferentes: dos dois lados do assento e no alto, junto à coluna central do veículo.
É o mais seguro de todos.

Desempenho:
Aumenta em 57% as possibilidades de sobrevivência em acidentes com risco de morte.

Vantagens:
Em testes realizados em todo o mundo, é o que apresenta melhor desempenho.
O cinto de três pontos soma as vantagens do subabdominal e do diagonal:
- Impede que a pessoa seja projetada para fora.
- Impede que a pessoa escape por baixo do cinto.
- Impede a colisão da pessoa com o volante, o painel ou outra parte interna do veículo.
- Distribui o impacto por uma parte maior do corpo.

Existem dois tipos de cinto de três pontos: sem retrator e, o mais moderno, chamado retrátil.

Como funciona o cinto retrátil.

O cinto de três pontos retrátil dispensa regulagem. Ele se ajusta ao corpo da pessoa e cede aos movimentos leves do passageiro, permitindo maior mobilidade.
A qualquer impacto mais forte, como uma freada ou batida, ele trava-se imediatamente com firmeza, segurando a pessoa ao banco.
Este modelo de cinto recolhe-se automaticamente quando é destravado, através de um sistema de carretel, facilitando a entrada e saída no veículo.
Os carros fabricados a partir de 1984 passaram a vir com cintos de três pontos retrátil nos bancos da frente.

Qual a importância do uso do cinto de segurança no banco traseiro?

Os passageiros do banco de trás, adultos ou crianças, devem usar o cinto não só por segurança própria, mas também de quem viaja na frente.
Mesmo com o cinto, o passageiro da frente corre sérios riscos de vida se a pessoa sentada atrás não estiver protegida por ele.

Para se ter uma idéia do perigo, basta dizer que um adulto de 60 kg, sem cinto, numa colisão a 60 km por hora, é arremessado contra o banco dianteiro com uma força equivalente a quase 1 tonelada.
Uma criança em torno dos cinco anos, com 20 kg, nesta mesma situação, provoca um impacto de 300 kg. Ou seja, o peso de um filhote de elefante!

O cinto é recomendado também para as mulheres grávidas, desde que seja do tipo subabdominal (encontrado geralmente no banco traseiro) e ajustado o mais baixo possível em relação aos quadris.

Por que as pessoas não usam cinto de segurança?

Os argumentos são variados.
O que existe é muita desinformação sobre o assunto. As razões citadas em entrevistas para a não utilização do cinto não têm qualquer apoio técnico.
São mitos que precisam ser derrubados.
Vejamos os mais comuns:

• O cinto de segurança é necessário apenas em alta velocidade e percursos longos.

Falso.

Muitos motoristas acreditam que o cinto é necessário somente nas estradas.
As estatísticas provam justamente o contrário.
Mais da metade dos acidentes de trânsito com mortes ocorre à velocidade igual ou inferior a 64 km/h.
65% dos acidentes fatais e 80% dos acidentes de trânsito em geral ocorrem num raio de 40 km do local de residência das vítimas.

Este exemplo pode dar uma noção das conseqüências de um acidente a apenas 50 km por hora:
Numa colisão frontal com um poste ou outro obstáculo fixo, o impacto sobre o corpo será igual ao de uma queda do quarto andar de um prédio.

• O cinto impede a saída do carro em caso de incêndio ou afogamento.

Errado.

Na verdade, o uso do cinto *aumenta* as chances de sobrevivência também nessas situações, porque mantém a pessoa lúcida para escapar.
Sem o cinto, o choque com o interior do veículo pode deixar a pessoa ferida, atordoada ou desacordada e, portanto, sem condições de agir.
Com o cinto, ela poderá permanecer consciente e soltar-se em frações de segundo.
Estudos demonstram que em caso de fogo ou queda n'água há tempo suficiente para escapar.
Num incêndio, a pessoa tem cerca de 60 segundos (1 minuto) para deixar o veículo antes que a temperatura chegue a níveis insuportáveis.
Se o carro cair n'água, ela terá cerca de 180 segundos para sair antes do veículo afundar.
Além desses fatos, há mais um dado estatístico a favor do cinto.

A percentagem de acidentes envolvendo incêndio ou queda n'água é mínima: apenas 0,5%.

A conclusão é que, em ambas as situações, o cinto é uma garantia e não uma ameaça.

• Às vezes é melhor ser arremessado para fora do que ficar dentro do carro.

Pelo contrário.

Os riscos são sempre maiores fora do veículo.
Estatísticas baseadas em milhares de acidentes concluíram que há pelo menos cinco vezes mais chances de sobrevivência em colisões se a pessoa permanecer dentro do veículo, protegida pelo cinto.

Se a pessoa for arremessada para fora, além dos ferimentos causados pelo vidro do pára-brisas e pelo choque com o solo, ela corre risco de atropelamento, por seu próprio carro ou outro veículo, e de ficar embaixo do automóvel nas capotagens.
Com o cinto de segurança, a pessoa tem inclusive maiores chances de permanecer consciente e tentar controlar o veículo, de forma a minimizar as conseqüências do acidente.
As histórias de pessoas que se salvaram após serem atiradas para fora acabam servindo de exemplo, quando, na verdade, são exceções à regra.

• O cinto é desconfortável.

Discutível.

O uso do cinto é uma questão de hábito e disciplina.
Quanto mais se usa, mais rápida é a adaptação. Até o ponto em que pôr e tirar o cinto vira um ato mecânico.
Depois de criado o hábito, a sensação é de segurança e não de incômodo.
O cinto mantém o corpo na posição correta e dá maior estabilidade nas curvas e freadas.
O modelo mais moderno - o cinto de três pontos retrátil - é fácil de manejar e deixa os movimentos livres, ao mesmo tempo em que age prontamente em situação de perigo.

Se seu cinto não é deste tipo, vale a pena fazer a substituição. Compensa duplamente: pelo conforto e pela segurança.

• Os cintos de segurança podem ferir, ao invés de proteger.

É muito raro.

As lesões, quando ocorrem, são provocadas pelo uso incorreto ou por mau estado de conservação do cinto.
Está exaustivamente comprovado que o cinto de segurança reduz a gravidade das lesões.
Os técnicos e as organizações que estudam a segurança do trânsito não levantam dúvidas quanto à sua eficiência neste sentido.
A discussão limita-se ao grau de redução dos riscos e à proteção oferecida pelo tipo de cinto usado.
O mais indicado pelos especialistas é o cinto de três pontos retrátil.
Os cintos diagonal e o subabdominal têm limitações, mas é muito mais seguro usá-los do que não usar cinto nenhum.

• O cinto de segurança é dispensável quando o motorista é cauteloso e respeita as leis.

Não é verdade.

Por mais cuidadoso que seja o motorista, ele não está sozinho no trânsito, nem está livre de imprevistos.
E por mais experiência que ele tenha, não está livre de cometer erros.
Pensar que os acidentes só acontecem com os outros (os apressadinhos, os iniciantes, os vingativos, etc.) pode ser reconfortante mas é também muito perigoso.
A possibilidade de causar ou sofrer um acidente é uma realidade difícil de ser encarada, mas que está sempre presente no dia-a-dia de qualquer um de nós. Vencer esta barreira psicológica é o primeiro passo para adotar uma atitude positiva em relação ao cinto de segurança.

Encosto para a cabeça. Tão importante quanto o cinto.

Se seu carro não tem bancos altos, instale encostos para a cabeça.
Apesar de não ser obrigatório por lei, o encosto é indispensável para a proteção do pescoço e da coluna.
Em caso de colisão ou freada brusca, o corpo vai para a frente e volta contra o assento. Se não houver proteção, a cabeça será jogada violentamente para trás, num movimento que pode causar sérias lesões à coluna e até levar à morte, caso a pessoa frature o pescoço.
Embora cada um tenha sua função específica, o encosto complementa a proteção do cinto, aumentando ainda mais a segurança do motorista e dos passageiros.